

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Conde da Esperança,
E. Severim de Azevedo (Crispim),
Ferreira Mendes,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITÓRIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE JÚLHO DE 1913

N.º 348

Uma manifestação religiosa

Os Catholicos no parlamento



Catholicos de Lisboa que sob a direcção do venerando Visconde de Castilho, de D. Luiz Vaç de Almada, D. João Pereira Coutinho e outras pessoas, foram ao parlamento protestar contra o estabelecimento das cultuæes nas igrejas da Graça e de S. Vicente e pedir providencias que assegurem a liberdade religiosa.

(Phot. de ***)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de julho de 1913

A quinzena finda foi toda ella cheia de datas tristes para os defensores da causa monarchica.

No dia 5 passou o segundo anniversario do fallecimento da Senhora D. Maria Pia, rezando-se por alma da infeliz rainha, tanto em Lisboa como na provincia, varias missas que, tendo sido muito concorridas, não tiveram todavia a assistencia de certas pessoas que muito de perto conheciam os paços reaes e á realza deviam favores.

Este facto, que á primeira vista parece extranho, não é, afinal, senão logico, porque se todos aquelles que mais proximos estavam do throno lhe fossem inteiramente dedicados, a monarchia não teria cahido como cahiu, em 5 de Outubro, quasi sem defeza, quasi sem combate, perante uma revolução que só deixou de ser uma revolta modestissima pelos motivos que todos sabem e em que é escusado insistir.

No dia 8 festejou-se em Chaves o primeiro anniversario da derrota da columna monarchica do commando de Paiva Couceiro.

Grande foi sem duvida o heroismo das forças realistas, que tentaram a restauração do antigo regimen, para que tivesse de lhe corresponder igual valentia da parte dos soldados que batalharam sob as ordens da Republica e para que esta assim commemore a defeza da velha e historica praça de guerra da provincia de Traz-os-Montes.

Não admira que assim succedesse. Todos os que se bateram n'esse combate de Chaves, em que foi aprisionado D. João de Almeida, fidalgo leal e valente, cujo nome ninguem hoje desconhece no nosso paiz, prestando ao seu possuidor a homenagem devida a quem tudo soube sacrificar pelas suas convicções, eram portuguezes, e á gente luzitana nunca houve quem negasse coragem nem qualidades guerreiras.

Mas, porque todos eram portuguezes, porque todos alli batalharam julgando que a verdade se encerrava dentro dos principios que cada um defendia, suppondo que do seu triumpho resultaria o bem da patria onde todos tinham nascido, eu entendo que o melhor era não festejar essa data, que sendo de alegria para uns, não pode deixar de ser de tristeza para outros.

Factos provenientes de luctas civis, é minha opinião que não deviam ser commemorados emquanto vivesse a geração que os praticou, porque, em taes circumstancias, esses factos não são nacionaes mas exclusivamente politicos, partidarios.

Eu bem sei que as luctas civis são em muitos casos necessarias e que as revoluções influem muitas vezes beneficemente no futuro das nacionalidades; mas, tanto essa necessidade como esses beneficios, só as gerações futuras os podem apreciar devidamente, imparcialmente, quando vencidos e vencedores já repousem na paz das sepulturas e quando a semente lançada á terra já tenha produzido os seus fructos.

Antecipar tal julgamento é, além de correr o risco de errar, produzir manifestações politicas em vez de manifestações patrioticas; e só estas ultimas são educativas, só estas servem para revigorar o organismo da patria.

Isto que acabo de dizer não é bem uma censura mas tão somente uma opinião. Se censura fosse, ella teria igualmente que applicar-se ao regimen deposedo, que durante largos annos fez a parada do dia 24 de Julho, solemnizando a entrada do exercito liberal em Lisboa, quando ainda eram vivos muitos d'aquelles que de armas na mão tinham defendido a velha monarchia tradicional, e que encheu a cidade de estatuas consagradas aos heroes da guerra civil, homens de um alto valor moral e militar, é certo, mas apezar d'isso, não tão queridos de todos os portuguezes como D. João I, João das Regras, Vasco da Gama, D. João de Castro e tantos outros a quem ainda se não levantou um monumento, não obstante serem verdadeiros heroes nacionaes que todos, sem distincção de partidos, admiram e veneram.

Nas columnas d'esta Revista, onde, embora a traços largos, eu vou annotando os principaes acontecimentos da vida portugueza, não quero deixar de fazer referencia ao protesto da cidade de Coimbra contra a creação, em Lisboa, de uma faculdade de di-

reito, protesto que durante mais de uma semana, conforme noticiaram os jornaes diarios, assumiu um caracter de altivez pouco vulgar nos tempos que vão correndo e tambem de solidariedade entre as diferentes classes sociaes da cidade.

Todos nós sabemos que a cidade de Coimbra não tem o direito de aspirar ao monopolio da instrucção e que o estabelecimento da faculdade de sciencias juridicas em Lisboa estava naturalmente indicado desde que o governo provisorio aqui estabeleceu uma universidade.

Tudo isto é perfeitamente logico, mas o mais logico de tudo é a gente ser coherente.

Os leitores devem talvez estar lembrados de que em tempos não muito distantes se disse, em todos os tons, que em Portugal havia grande abundancia de doutores e faltavam individuos habilitados com outros cursos de utilidade mais pratica. Disse-se isto, houve quem considerasse o bacharel quasi como um inimigo da sociedade, como um parasita que tarde ou cedo abancava á meza do orçamento, e até appareceu quem lembrasse a conveniencia de se fechar a universidade de Coimbra, durante alguns annos, para de alguma forma obstar á enorme producção de doutores, desviando quem queria estudar para outras carreiras de maior utilidade para o desenvolvimento industrial, commercial e agricola do paiz.

Em tudo isto, salvo os exaggeros proprios das discussões mais ou menos apaixonadas, havia um certo fundo de verdade. De facto nada se perdia seguindo a orientação que fica exposta e estou convencido de que até muito se lucrava.

Não direi que se fechasse a universidade, mas devia dar-se ao ensino industrial e commercial o maximo desenvolvimento, garantindo ao mesmo tempo as maiores facilidades a todos aquelles que o quizessem seguir.

Nada d'isto, porem, se fez. Fez-se precisamente o contrario. Proclamada a republica, logo se dificultou aquelle ramo de ensino, acabando com o antigo Instituto Industrial e Commercial de Lisboa e decretando matriculas carissimas para as disciplinas que até ahi eram ensinadas de graça, ou quasi de graça, n'aquelle estabelecimento.

Ao mesmo tempo creava-se a universidade de Lisboa, que fatalmente havia de vir a ter uma faculdade de direito, facilitando assim a muitas familias que não tinham meios de mandar os filhos para Coimbra a maneira de os doutorar sem grande dispendio.

Ha n'isto vantagens para o paiz? Parece-me que não. Uma só universidade chegava bem para as nossas necessidades e, devendo existir uma só, essa deveria ser a de Coimbra, já pela sua reputação mundial, já pela sua situação no centro do paiz.

Eis porque se me affigura sympathica a causa da velha mas sempre poetica cidade do Mondego.

J. NUNES DE FREITAS.

A José J. G. de Vasconcellos

De velhos são dois amigos,
Como a era, que tem eras,
São antigos.
Deitam garras, como as feras,
Um ao outro, os corações
Dos amigos.

Abril, 1891.

SAUDADE

O tempo desfez a flôr,
Que a borboleta beijava;
Sem ver que lhe não deixava,
Um fructo de tanto amor.

Mas em nós, infelicidade,
Do amor que nos juntou,
O tempo tudo levou,
Menos um fructo — a saudade!

Dezembro, 1910.

CONDE DA ESPERANÇA.

Egrejas de Lisboa

A Igreja de S. Roque

PARA que nem tudo fosse só alegrias e glórias, no começo do século XVI, quando o valor, o denodo, e a audacia dos Portuguezes realisavam esse periodo brilhantissimo da nossa vida nacional, que só o genio de Camões poderia immortalisar na sua famosa epopea, uma terrivel peste assolou Lisboa, com atroz e persistente intensidade.

Cahiam aos montões as victimas, que morriam ao desamparo, e o lucto envolvia todas as classes, porque o flagello a nenhuma poupava.

Em tempos de tão viva fé não ha a estranhar que os habitantes de Lisboa recorressem á intercessão divina, e celebrados por toda a parte os milagres de S. Roque, obtiveram uma imagem d'esse insigne sancto que foram collocar á porta da cidade, como se elle d'ahi houvesse de vigiar e defender Lisboa inteira.

Em nada se parecia a Lisboa d'então com a de nossos dias; a cidade estava ainda confinada dentro dos seus velhos muros, e S. Roque já era aberto descampado, apenas, no século XVI, povoado de oliveiras e d'alguns casebres que se abrigavam sob as muralhas e junto á torre de Alvaro Paes, baluarte principal da fortificação antiga por aquelle lado.

«Pois n'este logar, diz-nos, o padre Balthazar Telles, tractaram de «edificar a Ermida ao «novo Patrono, que tomam para a peste; porque assim como os capitães mais valorosos e de maior confiança se «poem nas estancias mais «perigosas e nos logares «mais arriscados, assim «se entregou a este es- «forçado capitão esta praça temerosa do campo «dos mortos, para ali «brarem saude e vida.

De uma antiquissima lapide constava que a capella erigida em honra de S. Roque fôra erecta em 24 de março de 1506, sendo sagrada e indulgenciada *auctoritate apostolica* por um bispo D. Duarte, organisando-se uma Irmandade, que ainda hoje existe, para sustentar o culto em honra do sancto a cuja intercessão a cidade attribuiu o desaparecimento do horrivel flagello.

Quando posteriormente D. João III admitiu em Portugal a Companhia de Jesus, o padre Jeronymo Nadal, escolheu aquelle sitio, então já chamado Postigo de S. Roque, para ali se construir a primeira residencia n'esta cidade. Oppoz-se tenaz e effizazmente a Irmandade, e por tal sorte foram violentas as suas

pretensões, que D. Pedro de Mascarenhas, aulico da côrte, valido do rei e protector decidido da Companhia, pensou em desistir lançando vistas para o extremo opposto, a capella da Senhora do Paraizo, ás portas da Luz.

A sua mulher é que não desanimou, como filha que era d'aquelle valente capitão de Azamor do mesmo nome de seu marido, e conseguiu mas com terminantes e claras condições:

- 1.º Que os padres fizessem uma capella para a Irmandade e que seria propriedade d'esta;
- 2.º Que a Igreja teria a invocação a S. Roque;
- 3.º Que prestariam todo o auxilio á Irmandade e esta manteria sempre a sua independencia.

(Que contraste com a situação actual, em que a Irmandade ainda não pensou em fazer valer os seus direitos!)

O padroado da capella mór foi doado a D. João de Borja, filho de Francisco de Borja, Marquez de Lombay, 4.º duque de Gandia e Estrebeiro-mór da Imperatriz D. Izabel, Infanta de Portugal, esposa de Carlos V. Tendo sido embaixador em Roma, graças ao seu prestigio, conseguiu obter larga copia de raras e authenticas reliquias, que pensou em encabeçar no morgadio da sua casa. Começaram porem parentes e amigos a dizer-lhe que devia doar tão opulento thesouro á Igreja de S. Roque de Portugal, que era o primeiro templo da Casa Professa da Companhia para cuja fundação muito tinha contribuido seu sancto pae.

Não foi sem ceremonias e recatos que se fez tal doação, pois foi lavrada uma escriptura em 22 de Setembro de 1587, chegando o thezouro no mez seguinte, sendo dada a posse ao padre Pedro da Fonseca, depois de previo exame e approvação do arcebispo D. Miguel de Castro.

Apparatosas foram as festas com que se celebrou a trasladação das reliquias da Sé para S. Roque; duraram oito dias e as ruas do transitio foram ornadas com ricas tapeçarias, preciosos brocados, vistosas ilhanas, opulentos arcos triumphaes e pomposos cortejos. Escreveram-se duas obras ex-professo, a saber: Padre Liceneado Campos e padre Manoel

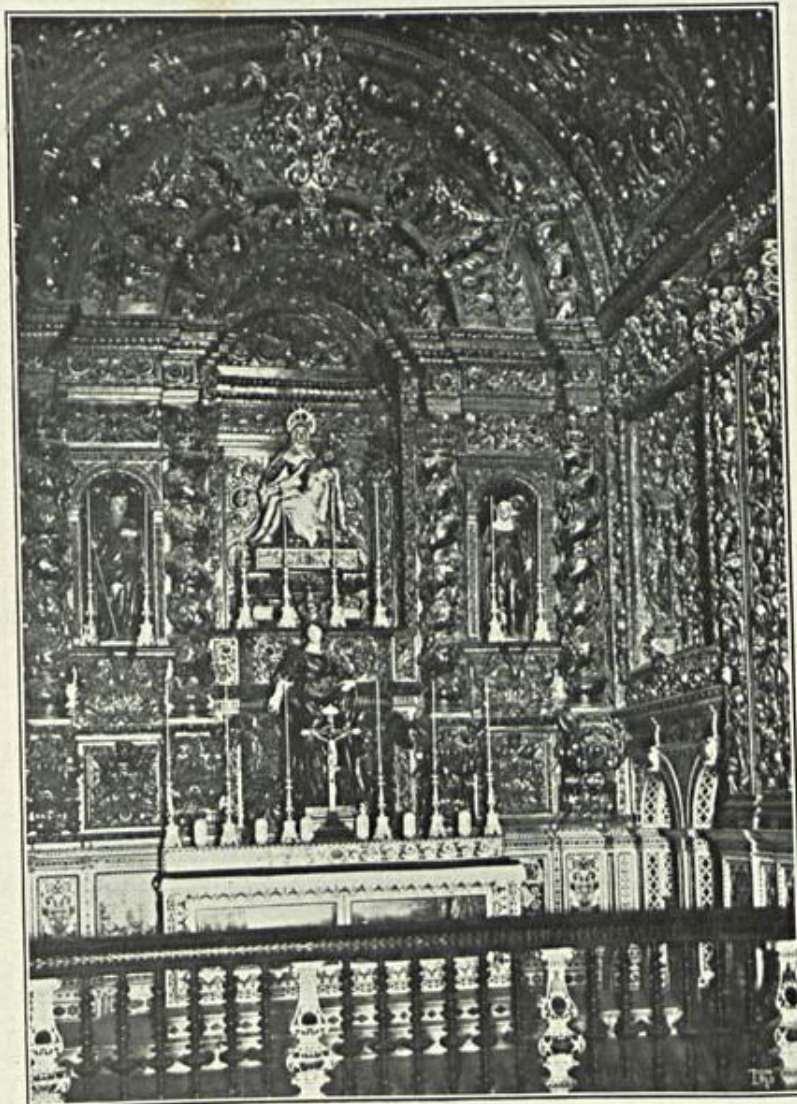
da Veiga auctores contemporaneos; do primeiro existe um exemplar na bibliotheca, do segundo ha noticia na Chronica do padre Balthazar Telles p. 2.ª l. 4.º cap. 27.

Roma correspondeu ao alvorçado jubilo com que a população lisboeta recebeu as preciosas reliquias expedindo o Breve Sixto V, de 5 de setembro de 1587, concedendo quatro jubileus annuaes, na commemoração das quatro principaes reliquias, S. Gregorio, Onze Mil Virgens, Santa Brigida e Invenção da Santa Cruz.

Este notabilissimo relicario importou uma folhinha especial

EGREJAS DE LISBOA

A igreja de S. Roque



A primeira capella á direita onde ultimamente appareceram reliquias
(Phot. de A. C. Lima)

para a igreja de S. Roque. Construíram-se altares próprios para as collocar. Assim estiveram ao culto, até que os padres, receiosos da cobiça, as occultaram por detraz dos retabulos e paineis dos mesmos altares, pondo-as a salvo de possiveis contingencias e profanações.

E não se enganaram.

Os padres jesuitas foram expulsos, e a casa de S. Roque abandonada, até que passou para lá a Misericordia, que restituiu a igreja ao culto.

Mas já ninguém se lembrava do thezouro de D. João de Borja. Os que sabiam tinham-se calado, e aguardavam ensejo propicio para fazerem a revelação. Veio a morte e levou-os.

Foi só em 1842 que um velho fez constar á Commissão Administrativa da Misericordia o que era tradição na sua familia.

A commissão attendeu o declarante dando-lhe o credito que mereciam as suas sinceras palavras; removem-se os paineis e apparecem as santas reliquias, accumuladas nos seus engastes, e molduras de diversos feitios, algumas de subido valor real e artistico.

São essas as reliquias que constam das gravuras juntas, e que foram restituídas ao altar em 25 de janeiro de 1843, com a assistencia da Familia Real, Patriarcha eleito, Prelado e côrte.

Alem das Reliquias appareceu uma imagem de Nossa Senhora, de prata com pedras incrustadas, um relicario de ebano, marchetado de prata, e marmores preciosos, mosaicos raros, e uma pintura valiosa, representando a Anunciação, contendo dois santos lenhos, e um espinho da corôa do Senhor, um portal de bronze com presepio do mesmo metal tendo lavrada esta inscripção: *Domina Maria a Rolim Domini Ludovici a Gama Conjux sacra Christi prae-sepio dicavit anno 1615*, ostentando as armas dos Rolins.

Ha cinco ou seis annos descobriram-se novas reliquias, no altar da Senhora da Boa Morte.

Os cofres contendo reliquias são de bronze antigo, de tartaruga e de charão, todos com manifesto valor para os antiquarios.

Foi nesta igreja que D. João V fez construir a sumptuosissima capella de S. João Baptista, tão interessante e opulenta em ornamento de arte sacra do seculo XVIII; e não ha ali uma pedra que não tenha uma recordação historica a cebral-a.

N'aquelles pulpitos, hoje ermos, fez-se ouvir a palavra de Vieira; n'aquelles altares agora abandonados, sacrificaram os que se partiam para consolidar o nosso dominio no Oriente; e faz pena, muita pena, ver aquelle templo deserto, esquecido, frio pelo desamparo a que o votaram; e pergunta-se, porque não cumpram ali os legados pios que tantos benemeritos christãos deixaram á Misericordia? porque não respeitam a vontade sancta d'esses mortos? era quanto bastava para manter o culto na historica igreja de S. Roque, já que a Irmandade do sancto não tem reivindicado os direitos que lhe assistem.

Mas voltando á igreja.

Alem da capella-mór, cujo padroado foi conferido a D. João de Borja, em agradecimento peia offerta do thezouro das reliquias, e das capellas de S. João Baptista e de S. Roque, eram opulentas a de Jesus Maria José, a cargo d'uma congregação de nobres; Nossa Senhora da Conceição, a cargo dos herdeiros de D. Luiz Froes; Senhora da Assumpção, de notavel trabalho de talha; Senhora da Doutrina, fundada pelo popular catequista o padre Ignacio Martins e S. Francisco de Borja.

S. Roque foi no seculo XVIII o ponto de reunião de toda a Lisboa crente; ao lado das pessoas reaes e da nobreza ia o povo humilde, e todos á porfia procuravam logar commodo para assistirem ás esplendorosas festas que então se celebravam.

A concorrência a essas solemnidades deu logar á trova:

Toque, Toque, Toque
Vamos a S. Roque
Ver os peraltas
Se teem capote.

Ali chorara El-Rei D. Sebastião copiosamente, antes da partida para a infesta peleja de Africa (*Gabinete Historico T III p. 284*); em 1697 reuniram-se em S. Roque os que compunham o braço da nobreza por occasião da celebração das cortes d'esse anno. As congregações mariannas de nobres e mechanicos atrahiram a S. Roque os elementos mais aproveitaveis d'esta cidade; a dos Agonizantes proporcionava os soccorros aos moribundos; a de Doutrina promovia a instrução religiosa, e a de sancta Quiteria, de que foi membro o Infante D. Manoel, filho de D. Pedro II, chegou a ter 700 confrades, que contribuíam largamente para o esplendor do culto.

S. Roque é pois um monumento riquissimo de tradições, que cumpre respeitar.

SANTOS FARINHA.



A igreja de S. Roque — Capella do lado direito do altar-mór (chamada das Onze Mil Virgens) onde estão os relicarios offertados pelo Duque de Gandia (Phot. de A. C. Lima)

PENSAMENTO

Se a antiguidade nos deixou classicos, isto é, espiritos cujos livros resplandecem com immortal juventude atravez dos seculos, é porque para taes espiritos escrever livros não era questão commercial.

SHOPENHAUER.

DAHLIAS

A dahlia constitue o mais bello adorno dos jardins pela grande variedade de côres de maravilhoso effeito. Floresce de julho a outubro sem interrupção e multiplica-se de muitas maneiras. A melhor, porém, e a mais geralmente praticada, consiste na separação dos tuberculos da parte inferior da haste do anno anterior, podendo os tufos ser divididos em tantas partes quanto são as raizes, com a condição de

se deixar em cada uma d'ellas um pedaço de caule que contenha um ou dois germens reproductores de novos caules. Estes germens encontram-se na parte superior do tuberculo, junto á haste velha. Desde que não haja mais que um, não se pode dividir o tufo.

Cada um d'estes tuberculos planta-se verticalmente, com a ponta da raiz para baixo, em terra solta e adubada com estrume bem decomposto. Quando começa a vegetação suprimem-se os rebentos lateraes, deixando só uma haste que deve haver cuidado em encostar a um tutor.

A dahlia é uma planta vivaz, de caule direito e forte, óco, robusto e ramoso, tendo folhas oppostas d'um verde carregado. As flôres offerecem uma extraordinaria variedade de côres, podendo dizer-se que, exceptuando o preto, o verde e o azul, ha dahlias de todas as côres. O caule de algumas variedades chega a attingir dois metros de altura, mas encontram-se variedades de todas as alturas, d'aquellas até ás dahlias anãs e liliptianas.

A sua cultura não offerece difficuldades. Dá-se maravilhosamente n'uma terra franca, bem adubada, com estrume de vacca em sitios aridos, e com estrume de cavallo em sitios frescos, precisando no estio de regas frequentes pela fresca da manhã ou da tarde.

No fim do outomno deve a terra em que desejarmos plantar os tuberculos das dahlias ser bem remexida, levantados os torrões de modo que o ar circule bem para que no inverno as variantes atmosfericas, desagregando-os, determinem a mistura mais intima dos elementos que constituem uma terra franca e que porventura tenha sido necessario reunir artificialmente. Nos terrenos calcarios a dahlia floresce mal, desenvolve-se imperfeitamente e degenera com facilidade. E' preciso, portanto, juntar os elementos que faltam a taes terrenos, argilla e areia, para os approximar da terra franca. Nos terrenos excessivamente argilhosos e compactos, mais ou menos impermeaveis, os tuberculos das dahlias podem apodrecer facilmente pela accumulção das aguas que gastam muito tempo em atravessar esses terrenos; a compressão que, além d'isso, elles exercem sobre as raizes, origina uma vegetação enfezada e uma floração rachitica. Torna-se pois necessario corrigil-os, juntando-lhe areia do rio, folhas secas, varreduras dos caminhos e, em geral, qualquer substancia que possa concorrer para tornar a terra leve. Nos terrenos areentos e extraordinariamente soltos, os tuberculos das dahlias tomam um grande desenvolvimento, mas com prejuizo da parte da planta que fica fóra da terra. A estes terrenos será necessario alguma terra argillosa e algum estrume de vacca para os tornar menos asperos.

Depois da floração, destruidos os caules pelos primeiros frios mais intensos, deixam-se os tuberculos ainda na terra, por mais algum tempo, para continuarem a desenvolver-se e amadurecerem

completamente. Em novembro arrancam-se então com todo o cuidado, desembaraçam-se da terra que lhes vem agarrada e expõem-se ao sol, a enxugar, guardando-os em seguida em lugar escuro.

A especie mais vulgar de dahlias é a conhecida pelo nome de *dahlia variabilis*. As raizes são fusiformes, tuberosas e carnosas, muito grossas e fasciculadas. Ha d'esta especie numerosas variedades, cuja côr apresenta todos os tons, com excepção do negro, do azul puro e do verde.

Para que, entre tantas variedades, uma dahlia seja considerada de collecção, digna de figurar n'um bom jardim, deve o pedunculo ser firme, delgado, alongado e apresentar a flôr de face, e esta deve destacar-se bem da folhagem e ser regular, plena e perfeitamente abaulada, de petalas enroladas em fórma de trombeta, de côr viva e, quando raiada ou pontuada, com o variado e pontuações bem pronunciadas, destacando-se nitidamente da coloração geral da flôr.

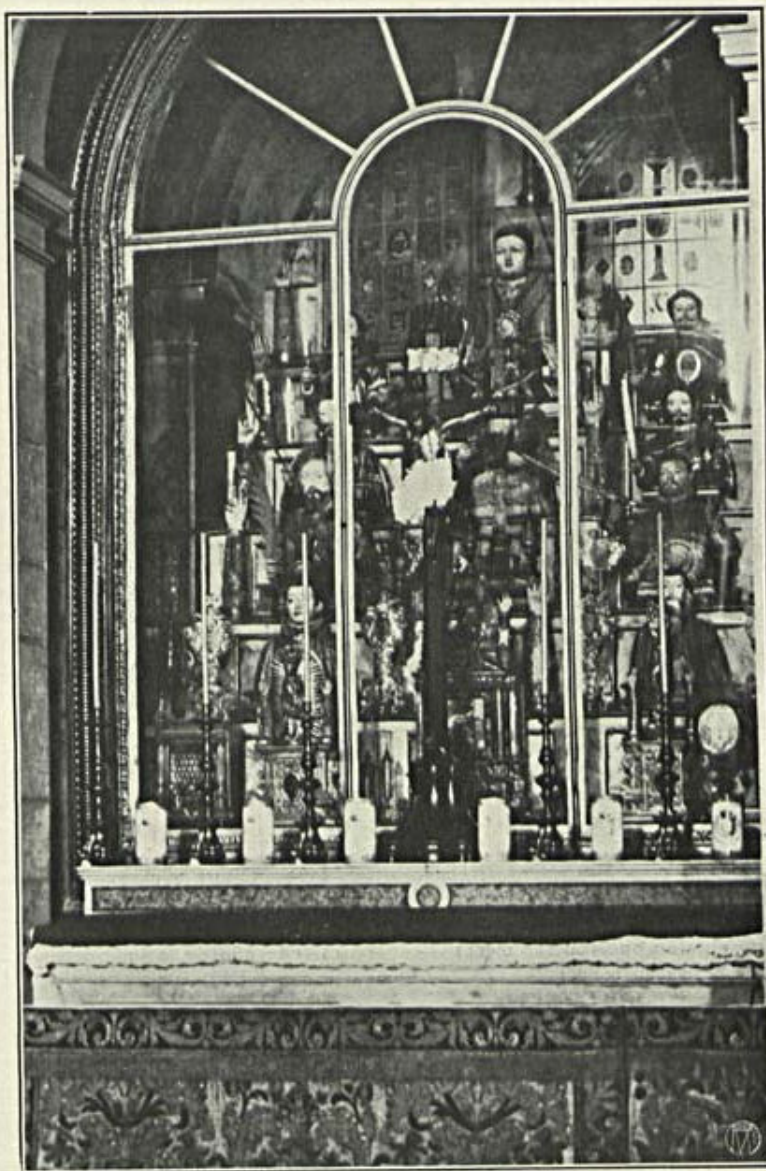
As dahlias são originarias do Mexico.

Além da *dahlia variabilis*, a que acima alludimos, cultivam-se tambem como plantas de collecção as seguintes especies: *dahlia gracilis*, de folhas delicadamente recortadas, segmentos lanceolados, flôres singelas em longas e elegantes hastes e semi-florões côr de laranja; *dahlia coccinea*, de folhas pinnuladas, segmentos ovaes e agudos, flôres pequenas, de longos pedunculos, e uma só ordem de semi-florões coccineos ou d'um amarello mais ou menos açafroado em torno d'um disco amarello; *dahlia Decaisneana*, de caules erectos e vigorosos que chegam a attingir dois metros de altura, folhas recortadas, segmentos ovaes e agudos, flôres singelas, em corymbo, de disco purpureo e petalas de côr violeta avelludada, brancas na base; *dahlia arborea*, de caule robusto e lenhoso, ramos dispostos symetricamente em fórma de candelabro, folhas grandes recortadas de côr verde escura, flôr em fórma de anemona, côr de malva, floração abundante desde novembro a janeiro. E muitas outras variedades.

As dahlias hoje preferidas são as de flôres singelas, excellentes para a decoração de jardins, quer agrupadas, quer plantadas isoladamente; são, na verdade, d'um magnifico efeito pela scintillação das flôres, de côres variadissimas que dão aos grandes massiços ou aos canteiros dos jardins um aspecto de belleza incomparavel.

Dizem que ella envelheceu
Mas p'ra mim é sempre linda
Que ha soes já mortos no céu
E a gente vê-os ainda...

AUGUSTO GIL,



A igreja de S. Roque — Capella do lado esquerdo do altar-mór onde tambem estão relicarios offertados pelo Duque de Gandia
(Phot. de A. C. Lima)

A situação política internacional

Ultimos aspectos

TROUXE novos aspectos á questão balkânica, ou melhor, á questão europeia, a assignatura dos preliminares da paz. E' certo que, por causa d'ella, algumas ténues nuvens se dissiparam, mas não é menos verdade que outras, sombrias e carregadas, se estão condensando no horizonte politico.

Terminou o seu papel a conferencia dos Embaixadores das Potencias; pelos parlamentos das nações e pela imprensa mundial, está sir Edward Grey proclamado o grande homem da situação, e os ultimos incidentes, os conflictos armados que se travaram entre os Balkans colligados, em summa, o imperio das circumstancias, mais ainda que a acção individual do ministro inglez, levou a questão ao melhor caminho, pondo o ponto final na guerra sangrenta em que ha tantos mezes os turcos e os seus inimigos alliados teem provado deante do mundo, uns força, tactica, disciplina, outros energia, brio e dignidade.

Logo, porém, que a Conferencia de Londres ultimou a sua missão, realisando a obra da paz, duas outras Conferencias iniciaram os seus trabalhos. Uma é a dos primeiros ministros dos colligados para assentarem as bases da divisão territorial, a outra é a Conferencia Financeira Balkânica reunida em Paris.

Tem dente de coelho a missão incumbida a qualquer das duas. Cada um dos colligados é avaro dos triumphos que conquistou na guerra, tem a pretensão de manter todas as suas conquistas, e o direito de as possuir disputa-o, quando fôr preciso, a ferro e fogo. Nesta attitude assumida por cada um, nesta situação tensissima em que todos se encontram, onde está o ponto de conciliação, onde a fórma de accôrdo?

Ainda a paz com a Turquia não estava assignada e já todos elles tinham afastado da Turquia os olhares, até ahí cúpidos e rancorosos, para os fixarem uns nos outros, pondo-os como sentinellas vigilantes a guardar os territorios á Turquia tomados, não fosse dar-se o caso de algum entre os alliados querer chamar a si o que a outros pertencesse «par droit de conquête».

Não estava assignada a paz, e já entre elles rebentava a guerra. Não estava ainda fixado o destino da Albania, continuava a Austria a mobilisar na fronteira as suas tropas para o que desse e viesse, mal a esquadra internacional acabava de impôr ao Montenegro a evacuação de Scutari, e já a Servia se batia desalmadamente com a Bulgaria, já entre as duas nações se reclamavam revisões de alianças, e uma á outra se dirigiam *ultimatuns* energicos, já a Grecia se collocava contra a Bulgaria ao lado da Servia, enquanto o Montenegro exigia compensações á sua acquiescencia em largar de mão territorios que conquistára com todos os direitos da guerra.

Ha outros aspectos da mesma questão que não são menos interessantes, menos dignos de uma apreciação ponderada.

Quando mais empenhadas se mostravam a Servia e a Grecia em mostrar á Bulgaria que não estavam dispostas o consentir que ella tomasse para si a parte do leão, quando a Servia, sobretudo, estava mobilisando um exercito de mais de trezentos mil homens, não tendo outro objectivo, ao pó-lo em movimento, se não dar aos bulgaros a mais tremenda lição que lhe fosse possivel, é, no momento a que podemos chamar psychologico d'esta attitude nacional, que dois homens eminentes, os maiores estadistas da Grecia e da Bulgaria, pedem a demissão de ministros: o sr. Guechoff, chefe do governo e ministro dos estrangeiros, neste ultimo paiz, e o sr. Venizellos, que era na Grecia o que foi no Rio de Janeiro o Barão do Rio Branco, isto é, o ministro insubstituivel na pasta do exterior.

Porque foi que abandonaram os seus logares estes dois homens illustres no momento em que estavam em jogo e em risco os interesses nacionaes, que cada um d'elles tinha obrigação civica de defender até ao sacrificio? Não era porventura nacional o movimento que estava impellindo esses paizes uns contra os outros? Porque sahiram dos governos, em que eram as figuras predominantes? Foi, decerto, em virtude de conflicto; mas entre quem? Entre elles e os seus collegas de gabinete, entre elles e o chefe do Estado, entre elles e a Nação? O que parece estar fora de duvida, em virtude d'essa retirada anómala e imprevista, é que o sr. Venizellos não approvava a attitude da Grecia para com a Bulgaria, é que o sr. Guechoff não approvava a attitude da Bul-

garia para com a Grecia e a Servia. O abandono d'estes postos de honra e de responsabilidade, é mais do que symptomatico, porque revela scisões internas e promete desencadear funestas tormentas. E se nas premissas se conteem os corollarios, se pela ordem logica dos acontecimentos não falharem as previsões, essas tormentas nacionaes podem e devem ser as percursóras de uma conflagração geral. Apenas entre os povos balkânicos?

E' este um novo aspecto da questão, decerto o mais importante e o mais grave de todos. E' este o que mais interessa á Europa politica, porque, chegada a occasião de intervir se, como suppómos, os delegados balkânicos não resolverem a contento dos Estados que representam a questão da divisão territorial, chegará tambem para ella a occasião de arrancar a mascara, de descobrir o jogo, de reclamar, e de defender as suas reclamações. Territorios são dinheiro e dinheiro é sangue. Reclamará a Austria, que foi a primeira a tomar attitudes resolutas, reclamará a Italia, que quer, acima de tudo e contra tudo, a supremacia no Adriatico, reclamará a Russia, reclamarão a França, a Inglaterra e a Alemanha, que todas teem interesses nos Balkans, não estando nenhuma disposta a ceder um palmo que seja de um direito que julgue pertencer-lhe. E realisada esta hypothese, que no momento actual se afigura entre todas a mais provavel, ahí temos naturalmente a conflagração europeia, derivada da conflagração balkânica. Ahí teremos annullados todos os bons officios da Inglaterra junto dos delegados das Potencias em Londres. E essa paz tão anciada, e conseguida depois de tantos mezes, vê-la'hemos transformada numa nova guerra, de resultados mais vastos e nocivos do que essa a que assistimos entre esses cinco povos do oriente da Europa.

A' situação que tão negra os espiritos pessimistas como o nosso estão vaticinando accrescentem-se as difficuldades complexas com que ha-de lutar a Commissão Financeira que em Paris acaba de inaugurar os seus trabalhos. Iniciou-a o sr. Pichoro com um discurso politico em que manifestou a confiança em que todos os delegados saberiam respeitar os direitos adquiridos de parte a parte.

Como homem d'Estado, outra cousa não podia dizer alto o ministro dos Estrangeiros da França. Mas baixinho, de si para si, de fórma que ninguém suspeitasse do seu pensamento e dos seus receios, o arguto ministro devia estar considerando nesse momento que o difficil e o perigoso era marcar o ponto onde esses direitos começavam e onde acabavam. E, marcado elle, convencer os interessados das obrigações que a cada um competia, e leva-los a contribuir, para a solução do problema financeiro, com a quota parte que lhes fosse arbitrada na partilha dos encargos que passavam da Turquia para elles.

A assignatura da paz que é moralmente uma boa cousa, e socialmente um incomparavel serviço, deixou esta pesada herança, que vae avolumar todas as outras difficuldades, e crear obstaculos novos, que hão de, se não impedir, ao menos retardar, a solução unica que convém á tranquillidade da Europa e do mundo.

Rio, Junho, 1913.

JAYME VICTOR.

Sem Deus!... sem Religião

Quando as vejo passar — as criancinhas.
O seu pendão sinistro desfraldado;
Chilreando, sorrindo, coitadinhas!...
Na inconsciencia cega do peccado,

Pasmo que paixões haja tão mesquinhas —
De character tão vil, tão depravado,
Que, nas almas gentis das pobresinhas,
Se arroje a commetter tal attentado!

Attentado brutal... peor que a morte!
Infanticidio atroz... e de tal sorte,
Que do termo da vida passa alem!...

Mas o que mais me punge e mais me espanta
N'esse cortejo de amargura tanta,
E' que essas creancinhas tenham mãe!

MECIA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.

Missa na igreja da Encarnação por alma da Rainha Senhora D. Maria Pia



A' sahida do templo

Pensamentos

A tristeza é a essencia do pensamento, mas só nos grandes espiritos, como a amargura é a essencia das aguas, mas só no grande Oceano.

PINHEIRO CHAGAS.

E' necessario fortaleza para proceder de accôrdo com a razão.

ROCHEFOUCAULD.

Ha opiniões perseguidas que se po-



Missa na igreja da Encarnação por alma da Rainha Senhora D. Maria Pia — *Madame Hintze Ribeiro sahindo da igreja.*

dem comparar com as arvores decotadas que vegetam depois com mais vigór e profusão.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Não ha isolamento para o que sabe tomar o seu logar na



Missa na igreja da Encarnação por alma da Rainha Senhora D. Maria Pia — *O sr. dr. Cabral Metello, sua filha e seu genro, á porta do templo.*

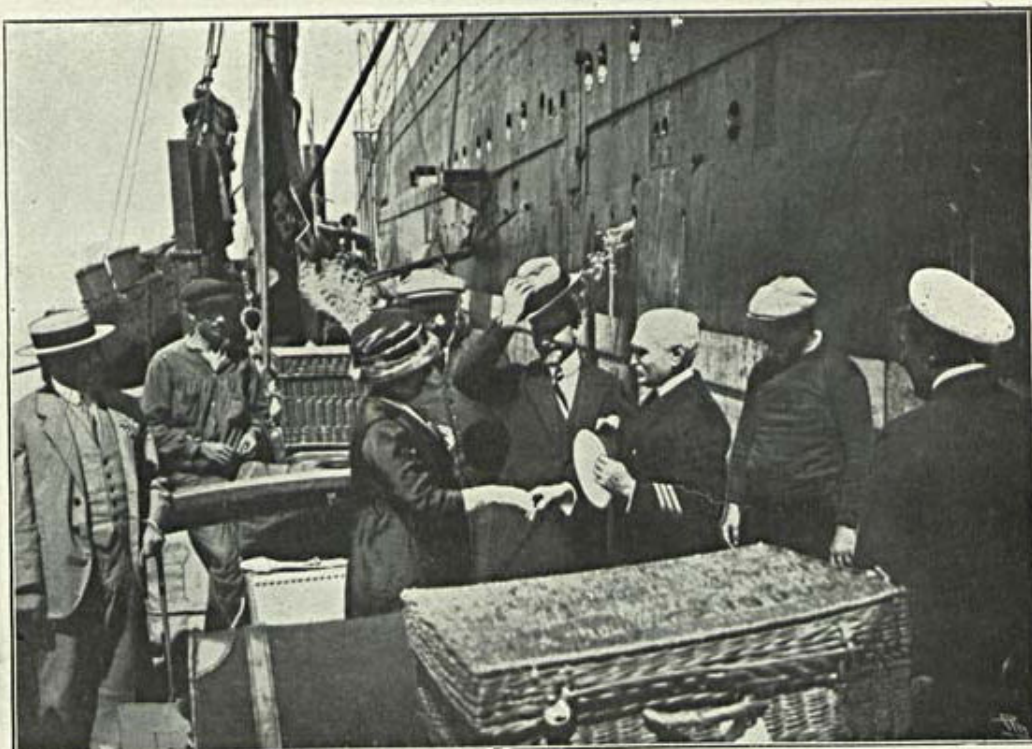
harmonia universal e abrir a sua alma a todas as impressões d'essa harmonia.

MAURICIO DE GUÉRIN.

Todas as gerações riem das velhas modas, mas seguem religiosamente as novas.

THOREAU.

Chegada a Lisboa do novo ministro do Brasil no nosso palz, sr. dr. Oscar de Teffé



O sr. dr. Oscar de Teffé e sua esposa despedindo-se do commandante do «Arlança»

Os nossos artistas

O sr. Augusto de Mello

PROCUREI o grande criador, entre nós, da mais formosa obra de Molière, o *Tartufo*. Levava a intenção de o entrevistar, mas não foi possível:

era a hora dos ensaios no Apollo. Disse-lhe então o que desejava d'elle e dei-xei-lhe um breve questionario a que o notavel actor respon-deu assim:

«Talvez um dia conte, desenvolvida-mente, em um livro que projecto fazer



O artista
no seu escriptorio

sobre o theatro do meu tempo, talvez então conte, repito, as circumstancias que occasionaram a minha vinda para o theatro. O que eu posso desde já dizer, nas curtas linhas que escrevo agora, é que desde os mais verdes annos, como se costuma apontar, senti propensão para o theatro e para o jornalismo; d'este modo, ainda pequenote, eu representava farças de cordel com amigos da minha idade em um palco improvisado em casa de minha familia, no Alemtejo — e d'isso ainda ha testemunhas — e até no collegio onde estive internado se organisaram representações em um salão forrado... com as cobertas de chita das nossas camas de estudantes!

«Que noites de gloria, representando o *Holandez* ou o *mal que não fez*, o *Douthor Sovina*,... e a scena comica *Manuel d'Abalada*! Como tudo isto se perde já na noite dos tempos, e como a estas horas, dos poucos sobreviventes d'essa camada que então frequenta-vamos as aulas do Lyceu de Evora — a antiga Universida-

de, já nenhum possui qualquer exemplar, dos cinco, que a edição semanal produzia, d'esse jornal manuscrito... que se intitulava — *O Caloiro*.

«A sua publicação começou em outubro, no principio do anno lectivo. E no artigo de apresentação da folha escolar, eu justificava o titulo, explicando que, tendo chegado a Evora uma tão grande quantidade de novos alumnos para se matricularem no Lyceu, esse cardume, esse bando se podia comparar... á praga de gafanhotos que invadiu o velho Egypto no tempo dos Pharaós. Em esse brilhante artigo eu confundi a historia sagrada com a historia profana! Que importa! O artigo continha muito espirito, muitas alusões, muita ironia! Um dos alvejados tomou, porém, a defeza da corporação; e nas margens do Xarrama, uma tarde de passeio, provocou-me... e após alguns sopapos reciprocos, cahimos á agua, abraçados, e eu regressei a casa do meu professor o Sr. Manoel Martinianno Marrecas, com o pé direito descalço, uma vez que na refrega havia perdido no areial alagado do campo da batalha — ai de mim! — o escarpim de sola e vira!

«Bons tempos esses, é verdade; mas quando no collegio da Rua de Machede, mão carinhosa lavou com vinagre uma brecha que na cabeça me ficou da refrega... eu vi as estrellas e ainda não tinha jantado!

«Vim, pois, para o theatro, para tentar fortuna e ser alguém, uma vez que não era rico, nem tinha completado um curso. Atravessei o palco do Gymnasio ainda imberbe... e debutei definitivamente em D. Maria... desempenhando aos 17 annos o papel de *Victor da Princeza Jorge*, de *Dumas* filho, na empreza de José Carlos dos Santos e de José Joaquim Pinto. N'esse tempo,



A casa de jantar de Augusto de Mello

quero dizer n'essa idade, não se avalia o perigo do fiasco nem se teme o publico! Tudo é novo para nós, tudo nos sorri e nos attrahe... mas d'essa noite, para mim tão memoravel, o que mais me recorda, o que nunca se ha de apagar da minha memoria, foi uma dôr... uma dôr enorme que me atormentou por largas horas; — nascia-me o dente do cizo! D'ahi fui indo pela vida fóra, luctando, estudando, vivendo a vida em todas as suas phases alegres e doloridas e assim pelo meu esforço pessoal, pela minha tenacidade consegui sentar-me na cadeira do ensaiador do theatro de D. Maria e ser professor do Conservatorio de Lisboa!

«Tenho representado bem, com acerto?... tenho representado mal?... Tenho sido util ao theatro no meu paiz?! De tudo um pouco, creio eu.

«Da vida exclusivamente artistica do actor após o seu desaparecimento nada fica. Succede a todos o mesmo! Todavia aquelles que tiveram a ventura de escrever alguns livros... de compôr alguns artigos... esses, legam aos vindouros uma recordação das suas aptidões e dos seus trabalhos. E n'esse numero, eu — sem duvida o mais modesto — fecharei os olhos, para o eterno somno, com esse regosijo, — a minha unica vaidade!

7 de Maio de 1913.

Augusto de Mello.

Em muitas cousas ficou a minha curiosidade insatisfeita; mas não me era licito entrar pelo terreno de surpresas, por certo interessantissimas, que o grande actor reserva para o seu projectado livro. Comtudo o acaso, nem sempre adverso, proporcionou-me a satisfação de fallar com Augusto de Mello em minha casa e de obter d'elle, ainda, interessantes informações.

— Que papel gostou mais de desempenhar em todas as peças que tem representado? perguntei-lhe eu.

— *Mercadet*, de Balzac, que Salvador Marques traduziu.

— E qual lhe foi mais profundamente antipathico?

— O *Filho natural*, de Alexandre Dumas. Esse papel era desagradavel. Furtado Coelho desempenhara-o no Brasil e não fóra feliz talvez pela interpretação inteiriçada que elle, como outros, sempre lhe tinham dado. Eu fiz o verdadeiro papel d'um *troca tintas*, carinhoso com o filho, violento com a mulher, moldando-se a todas as circumstan-



O avô



A sala de A. de Mello



Inquietação paterna

cias, e consegui o agrado do publico, não o meu, pelo personagem, que era verdadeiramente embirrento.

Depois, fallámos longamente das suas viagens a Hespanha e ao Brasil, allorámos

a politica actual e naturalmente cahimos no assumpto por igual attraente para ambos: a litteratura. Estranhei-lhe que, tendo escripto um romance de costumes alemtejanos, o *sr. Alferes*, tendo escripto tantos artigos com o pseudonymo de Beltrão, tendo feito parte da redacção do *Correio da Manhã*, interessando-se tanto por todos os assumptos litterarios e jornalisticos, tivesse descurado aquelle que tão natural era que o tentasse — o theatro — conhecendo-lhe o machinismo como poucos, e tendo os raros dotes intellectuaes que tão notavelmente o distinguem.

— A commoção d'uma *première*, respondeu-me o meu interlocutor, é para o auctor uma impressão fortissima, que quem a tem presenciado não deseja sentir. Depois, para escrever para o theatro era preciso que eu tivesse a certeza de fazer um trabalho impeccavel e a falta de tempo com que lucto para tudo...

— Faz a época de verão no Apollo?

— Já estou dirigindo alli os ensaios, o que, com o trabalho no Nacional, é um pouco fatigante.

— Diga-me: não tem um livrinho intitulado o *Manual do Ensaaiador*?

— Exactamente. Pertence á bibliotheca do Povo e das Escolas.

Depois voltou ainda a fallar-me de Hespanha, com calor e entusiasmo, dos dois livros que projecta escrever, e finalmente da sua vocação theatral, trahida desde a mais tenra idade por pequenas cousas. Entre ellas achei engraçadissima a que cito. Tendo vindo a Lisboa em pequeno

com seus paes ficou enlevado nos garotos que de pé descalço e carapuça percorriam as ruas apregoando jornaes.

De regresso á terra pelo Carnaval poz-se no trajo invejado, mascarrou a cara e, com um maço de jornaes debaixo do braço, andou pela rua apregoando-os, o que causou grande sensação, por aquella entidade social do povo lisboeta não ser alli conhecida.

Lembrámos depois, que tinha sido para elle que Sousa Monteiro escreveu o *Falstaff*, e de como o grande artista o desempenhára. Parecia-me, ao recordar a noite encantadora da *première* do *Falstaff*, estar ouvindo o modo inimitavel, verdadeiramente unico, por que no primeiro acto d'essa peça elle dá a Pistola e a Nym a definição do que é a honra:

Honra! que é honra! um riso, uma facecia, um chiste.
Que existe para ornar discursos — quando existe.
Que nobre peito inspira? a que alma digna obriga?
Atulha-vos de xira os cantos da barriga?
Não. Cura-vos do mal a perna, o pé? Não cura.
Um dedo ao menos? Nada. Unha se é longa e escura,

Queriam rainhas
Meu talhe gentil,
Mais fino que linhas
Mais curto que um til.
Sem prévio preparo
De braço fiel
Servia-me de aro
Tenuissimo anel.
Meu corpo subtil
Fizera o seu ninho
N'um flóco de linho,
Fininho, fininho,
De mão feminil...

A vaidade e graça com que estes primorosos versos eram ditos não se descreve e, quando se ouve, não se esquece mais.

Depois era d'um comico irresistivel na scena em que se esconde no cesto da barrela. E é justo lembrar que as artistas Augusta Cordeiro, Emilia Lopes, Amelia Vianna, assim como Delphina Cruz

Assistencia Catholica da Freguezia de Santa Isabel, mantida pelo reverendo dr. Santos Farinha em sua propria casa, com o auxilio dos seus amigos



Grupo de creanças e respectivas mães ha dias premiadas pelo reverendo dr. Santos Farinha em commemoração do dia de Santa Isabel

(Phot. de ***)

Apara, alimpa? Qual! Que ha pois em tal portento?
Uns sons, uns simples sons. E que ha n'um som? Ha vento
Que passa, que murmura, e affaga, se arde a tésta.
Que presta aos vivos? Nada. E aos mortos? Nada presta.
Eis a honra e o seu cortejo! E por tal som vasio,
Um pouco d'ar, um nada, a heroe d'alento e brio.
Recusaes, sem pudor, servil-o nobremente!
Bulrões de grosso trato! Escoria e horror da gente
Pegae-vos á vossa honra, aos brios da alma, embora!
Fóra, honrados villões! honrados pilhos, fóra!

Era magistral de naturalidade e indignação nos brados finais.
E no terceiro acto, o mais feliz da peça, quando descreve a Alice a sua figura antiga?

Fui pagem, fui breve
Gominho a florir,
Um fio de neve
Na neve a cahir.

no papel de ingénua, concorreram com Ferreira da Silva, Fernando Maia, Posser e Manoel Nobre para o grande relevo e brilho d'este acto encantador.

Augusto de Mello, apesar de ter consciencia do seu valor é, como todos os grandes, um modesto ao qual a vaidade não cega. Sente-se isso logo que com elle se trocam meia duzia de palavras.

Disse-lhe ainda que o tinha visto no papel do *Tartufo* e digo aos leitores que no seu desempenho Augusto de Mello é primoroso tambem. Não me lembram de cór como no *Falstaff* os pontos em que a interpretação mais me entusiasmou. E' justo; não estava, como no primeiro, presa a minha attenção pelo affecto e justa vaidade que o auctor da peça me inspirava. E a minha memoria é fraca quando o coração a não aviva.

No entanto, nas gradações da voz, no difficilimo papel em que Molière tão soberanamente synthetizou a hypocrisia de todos os tempos, Augusto de Mello entusiasmou o proprio Molière, que decerto não sonhou uma criação diferente para o seu esplendido personagem.

As peças classicas são aquellas em que melhor se evidenciam

os talentos dos verdadeiros actores. Pelo menos assim o penso. E quem, no desempenho d'ellas, tiver visto Augusto de Mello, classificar-o-ha, sem favor, um rei da scena.

Muitas mais cousas curiosas ficaram no meu conhecimento d'esta conversa com o distincto professor da Escola de Arte de representar. Virão a lume n'outra occasião em que possa dispor de mais espaço que os estreitos limites das columnas d'uma revista.

MARIA O'NEILL.

Assumptos militares

A columna de alumnos da Escola de Guerra no seu regresso de Tancos



A artilharia

NO TEU PEITO...

Aqui tens este lyrio macilento
Que no musgo chorava a sua sorte,
Toda a noite batido pelo vento,
Cheio de dôr no crystalino porte.

Sobre o teu peito embala-o no tormento!
Que n'esse berço claro se conforte!
O pranto em fio esquêça do relento
E pelo escuro as velhas mãos da morte!

Que no teu collo o lyrio de setim,
Não lembre mais as noites do jardim,
Ao abandono e n'um chorar desfeito!

E sôb o sol do teu olhar divino,
O lyrio espere, ahi, o seu destino,
E o seu caixão encontre no teu peito!

ANTONIO DE CARVALHO.



A cavallaria

Resposta a tempo

Uma senhora que usava um esplendido anel de brilhantes, e que tinha a infelicidade de ser muito magra e feia, de mãos descarnadas e mal feitas, encontrou-se uma noite n'um baile com um titular, *casca grossa*, muito condecorado, trazendo na occasião, entre varias outras medalhas e placas, um esplendido collar cravejado de brilhantes. Conversando n'um grupo de amigos proximo da senhora em questão, disse o titular, olhando-a de soslaio:

— Antes queria possuir o anel que a mão.

— E eu, replicou a senhora furiosa, antes queria o cabresto que o animal.

O cumulo da imbecilidade

Um creado infiel resolveu furtar ao patrão uma grossa quantia, que n'esse dia recebera e guardara na gaveta d'um movel, que se achava n'um gabinete contiguo ao quarto de dormir.

Para isso começou a preparar as coisas de maneira que o furto parecesse, quando descoberto, praticado por gente estranha, com assalto e arrombamento, etc.

Mas subsistia uma difficuldade grave: o patrão tinha o somno muito leve e o creado para chegar ao tal gabinete devia atravessar o quarto onde elle dormia. Depois de muito matutar, julgou o gatuno ter achado um excellente expediente; como na casa havia um cão perdigueiro, lembrou-se de que, levando duas luvas de pellica e batendo com ellas uma na outra, quando atravessasse o quarto, o patrão, se accordasse supporia que era o perdigueiro e nada diria.

De facto, assim fez, mas o patrão, despertando, perguntou:

— Quem anda ahi?

— E' o perdigueiro, respondeu o creado, muito atarantado.

O futuro das crianças é obra das mães.

NAPOLEÃO.

Regimento da lua nova

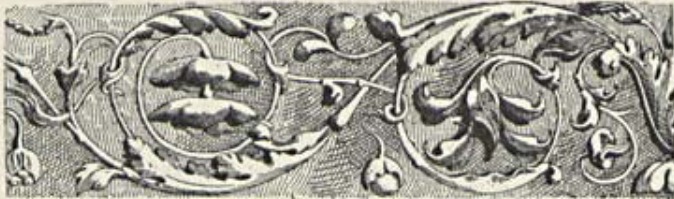
Segundo um manuscripto da Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o titulo de *Obras d'el-rei D. Duarte*:

Quando apparecer a lua nova toda vermelha, significa muitos ventos.

Se a ponta mais alta fôr escura, significa chuva.

Se resplandecer como agua que levantam os remos, significa que será cedo tormenta no mar.

Se fôr escura no meio, significa que fará bom tempo quando fôr cheia.



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XXXII

Coisas prohibidas

Fechou o parlamento.

Este acontecimento relativamente banal tem uma grande influencia nos jornalistas de chronicas alegres porque ficaram privados da sua melhor fonte inspiradora.

Aquillo era um Maná!

Cada discurso do grande Nónes ou do immortal Faustino era um filão riquissimo que dava columnas d'humorismo precioso sem canceiras de maior. Bastava transcrever o verbo sempre prodigo d'eloquencia dos bem inspirados senadores para rapidamente ficar prompta uma chronica de exito seguro e gargalhada garantida.

Pois fechou, essa mina. E o caso é que nos sentimos atrapalhados ao fazer d'esta, não por falta d'assumpto, porque esse, mercê das *luminosidades*, nunca falta, mas porque é tão difficil escrever nos tempos que vão correndo, sem ser nas columnas do *Mundo*, da *Lucta* ou da *Republica*, que é preciso andar horas e horas á procura d'um caso que obedeça aos seguintes quesitos absolutamente indispensaveis á sua livre circulação:

- não dizer mal do regimen;
- não alludir aos symbolos das instituições;
- não criticar o parlamento;
- não dizer mal dos carbonarios;
- não fallar da questão d'Ambaca;
- não esmiucar o caso dos terrenos de S. Thomé;
- não duvidar da extincção do deficit;
- não pôr em duvida a existencia do *superavit*;
- não fazer considerações sobre liberdade d'imprensa;
- não bulir no sr. Affonso Costa;
- não mexer no sr. Rodrigo Rodrigues;
- não tocar no sr. Borges;
- não classificar o sr. Brito Camacho;
- não descrever os «privados» do sr. Daniel;
- não fallar nos presos politicos thalassas;
- não tratar dos acontecimentos de 27 d'abril;
- não mencionar as bombas que estoiram;
- não perguntar pelos enclausurados d'Angra;
- não protestar contra os cultuaes;
- não discutir a lei da separação;
- não pedir a amnistia;
- não registar os boatos financeiros;
- não defender os monarchicos;
- não verberar contra as violencias;
- não dizer que isto vae mal.

Além d'estas coisas e d'outras *insignificancias* deve ainda o jornalista abster-se de considerações que por qualquer fórma possam, no seu sentido... occulto, ser consideradas *nefastas*, segundo a propria expressão da lei.

Como vêem a missão dos chronistas está sendo facilima porque resta ainda a liberdade de discutir... o mar, o sol, os passarinhos, as arvores, o calor, o frio, o vento e a chuva. Sobre esta ultima ainda assim temos nossas duvidas porque se o sr. Daniel Rodrigues, apreciado governador civil de Lisboa, acordar mal humorado, muito bem pôde acontecer que um artigo tratando de chuva seja immediatamente apprehendido... como anti-patriotico! Admiram-se? Pois olhem, basta só aplicar a logica que tem presidido ás outras apprehensões. Ainda ha dias um diário monarchico foi impedido de circular como *nefasto*, unicamente por inserir... a relação de todos os jornaes assaltados, suspensos e apprehendidos desde 5 d'outubro! E' boa, não é? Pois é assim mesmo.

Ora em vista do exposto, o que havemos nós de tratar hoje n'estas columnas? Lisboa arrasta-se mole e insipidamente sem um caso que consiga marcar qualquer nota interessante na vida alfacinha. Só a politica, a maldita e enfadonha politica, a consegue

sobresaltar do seu tropor somnolento de velha matrona encalmada.

Fallar-lhes do calor? Nem mesmo isso, porque o tempo está tão inconstante como os homens... embora um pouco menos que as mulheres. Se hontem estavamos a 35 á sombra hoje estamos a 28. Amanhã podemos estar a 40 com a mesma facilidade com que no dia seguinte nos encontraremos a 20, e não estamos dispostos a que nos aconteça o mesmo que ha annos nos succedeu com um jornal da provincia onde n'essa epocha escreviamos.

O quinzenario tinha a redacção em Torres Vedras e compunha-se... em Coimbra. Parece exquisito mas era tal qual. Um bello dia estavamos na redacção quando Mario Galvão, nosso camarada na gazeta — uma joia de raro valor intellectual e moral que hoje vae a caminho das terras de Santa Cruz n'um bem amargurado exilio politico — entrou pela sala dentro com um programma de certa festa que na semana seguinte se realisava no convento do Barro. O nosso jornal sahia precisamente dois dias depois da festa e era indispensavel que alludisse com desenvolvimento áquella solemnidade a que concorria tudo o que de melhor se contava não só no concelho como nas terras visinhas, além dos elementos officiaes que de Lisboa iam assistir á piedosa devoção e demais festejos.

Galvão estava afflicto com a forma de resolver o intrincado problema porque o original tinha que estar todo na typographia em Coimbra justamente na vespera das festas do Barro.

Propuz-me então resolver a difficuldade; e fiz a noticia com quarenta e oito horas d'antecedencia, descrevendo-a como já realisada, pelo que se me affigurava ir passar-se no celebre convento e seus arredores segundo o programma distribuido. Um dos numeros — o de maior effeito — eram as illuminações e fogos d'artificio, á noite. Não hesitei. Rapei da penna, e záz, com a melhor inspiração comecei a narrar os *milhares de forasteiros que por completo enchiam os montes do Barro, todos brilhantemente illuminados, n'um espectáculo grandioso e feerico, sob a aboboda serena do luarengo céu picado de estrellas.*

Emfim, um mimo de noticia que devia prender a attenção dos leitores do nosso querido e saudoso quinzenario.

Quando cheguei á parte do fogo d'artificio chamei-lhe *deslumbrante*, afirmando ter *extasiado durante cerca de duas horas a multidão compacta apinhada em volta do convento.*

A noticia foi para a typographia e nós, radiantes, aguardámos o dia em que pudessemos gozar-a no bello corpo 8 da gazeta, enflorando nos creditos da sua reportagem mais um padrão triumphante.

Mas — implacavel destino! — logo de manhã no dia de festa começo chuscando; e á noite, quando justamente deviam começar as illuminações que eu havia descripto sob a *aboboda serena do luarengo céu picado de estrellas*, foi como se das alturas se tivessem aberto mil cataratas do Niagara! Nem um reles balão se acendeu! Nem um misero phosphoro de côr se queimou!

Nos montes, em redor, nem viv'alma, e os poucos convidados que de dia tinham ido á solemnidade religiosa, prevendo a borrasca da noite, haviam desaparecido com as primeiras bategas fortes.

Dois dias depois, o nosso quinzenario lá vinha com a minha noticia, todo pimpão, contando as *deslumbrantes festas do Barro com os milhares de forasteiros assistindo extasiados ás brilhantes illuminações e ao surpreendente fogo d'artificio que durante duas horas tinha deliciado a multidão!*

Quiz inutilizar a edição da gazeta, mas o correio, que tambem era feito em Coimbra, já se tinha encarregado de espalhar por toda a villa e suas redondezas a minha arrepiante reportagem. Foi um successo... de gargalhada!

Ora por esta razão é que eu hoje me não refiro ao tempo, assim como pelos motivos já expostos acima nada direi de politica. E afinal sempre consegui fazer uma innocente chronica.

CRISPIM.

PENSAMENTOS

Os homens são como os olhos, que, vendo tudo, não se vêem a si.

VIEIRA.

A muito abrange o tempo se o queremos empregar bem.

FR. LUIZ DE SOUSA.

Assumptos artisticos



Madame Sara Lamarão Bramão no seu «atelier» de pintura

Assumptos artisticos

No salão da Sociedade Nacional das Bellas Artes, expoz a Ex.^{ma} Sr. D. Sara Lamarão Bramão, gentillissima esposa do nosso amigo o Sr. D. Vasco Bramão, uma serie de quadros a pastel, oleo e carvão, d'entre os quaes se destacava o retrato a pastel de uma interessante creança que a morte tão cedo roubou aos carinhos e affectos do seu extremoso pae, o Sr. Virgilio Marques da Costa, e que mereceu ao jury a *Menção honrosa*, com que o distinguuiu.

A Sr.^a D. Sara Bramão, alma de verdadeira artista, é discipula dilecta da distincta professora de pintura Sr.^a D. Emilia Santos Braga, e pela primeira vez expõe os seus trabalhos, em que a firmeza do traço e justeza no colorido que os salientaram, deixam antever obras de maior folego e responsabilidade, em que se expanda em todas as suas pujanças todo o seu talento artistico, que é muito:

Que S. Ex.^a nos dê o inefavel prazer de em futuras exposições continuarmos a apreciar os seus bellos trabalhos, que de certo hão de merecer aos respectivos jurys, novas e honrosas distincções.

L. V.

Acorda, minha donzella,
Foi-se a lua, eis a manhã
E no céo de primavera
E' a aurora tua irmã.

Abrirão no valle as flores
Sorrindo na fresquidão,
Entre as rosas da campina
Abram-se as do coração.

ALVARES DE AZEVEDO



Retrato a pastel de mademoiselle Maria Leonor Marques da Costa

LIVROS

A DANÇA DO DESTINO, por D. Luthgarda de Caires

Ha muito que nos deviamos ter occupado d'este novo livro devido á penna da illustre poetisa D. Luthgarda de Caires, mas as exigencias de uma publicação da indole do *Brasil-Portugal* a isso tem obstado.

A *dança do destino* é o titulo de um volume, em prosa, da série que a parceria A. M. Pereira vem editando, alguns dos quaes firmados pelos nomes mais gloriosos da litteratura patria. Este é o n.º 83 da série, constando de cerca de cento e sessenta paginas e inserindo uma série de contos e narrativas intitulados: *A roleta, Os caudilhos, O charuto, A colovia, O communista, Maria Julia, Uma revolução na floresta, O conspirador e Raizes no coração.* O volume abre com uma bella poesia intitulada *Chuva de flôres*, allusiva ao destino.

Se D. Luthgarda de Caires no seu formoso livro de versos *Glycinias*, cujas estrophes cheias de harmonia, cantando brandas emoções, se revelou uma alma de escôl, pairando nas remontadas regiões do azul, agora na *Dança do destino*, firma notaveis faculdades de observação e de analyse.

N'este bello livro, que se lê de um folego, ha casos copiados do natural, dados á estampa com tal poder descriptivo, que as coisas e as figuras tomam vulto, surgindo perante nós com intenso relevo, palpitantes de vida. Tambem a eximia escriptora sabe ferir a nota da ironia philosophica, como no conto *A revolução na floresta*, que no genero é um primór.

Para o leitor avaliar a veracidade das nossas affirmações vamos reproduzir a narrativa *O conspirador*, certos de que lhe proporcionamos um verdadeiro prazer espiritual.

F. M.

O Conspirador

1

A TRAVÉZ das grades da prisão, Miguel via uma nesga do Tejo. Era bonita e melancolica essa faxa de rio, por onde o pobre rapaz espraia o seu olhar. Mas sempre a mesma, tornava-se monotona, enervante, eterna.

No entanto, devorava-a com os olhos, era a sua companheira, bebia-lhe as auras que das suas aguas serenas e azuladas se evoluavam até elle e o acariciavam brandamente, agitando-lhe os cabelos, beijando-lhes as faces, atravez d'aqueles grossos varões de ferro, que o separavam do mundo.

Como fóra aquilo? Pobre Miguel!

Ele, tão modesto, tão pacato, tão inofensivo, como pode ir parar ao Limoeiro?

Parecia-lhe um pesadelo infundavel!

— Venha commigo — disseram-lhe um dia ao sair da reparição.

Parou interdecto, e naturalmente perguntou:

— Mas para onde?

— Vamos, nada de perguntas, acompanhe-me — tornou a creatura embirante e de má catadura — Está preso!

E levaram-no para a cadeia.

Ali, estava, em principio, sem saber porquê. Depois fizeram-no descer á secretaria e submeteram-no a um interrogatorio confuso, quasi incoherente, que o deixava cada vez mais surprehendido.

Perguntas cheias de misterio, divisando em cada olhar uma ameaça, em cada palavra a convicção d'uma culpa, por elle incomprehendida. E ás suas respondiam-lhe com um sorriso de incredulidade e desprezo, mandando-o retirar.

Conspirador! Tiveram de lh'o dizer para que enfim compreendesse.

Então elle tinha lá pensado nunca em politica?

Fôra decerto a vingança d'algun desalmado inimigo que falsamente o denunciara. Mas quem? E como poderam acreditar tal aleivosia!

Tudo que significava lucta lhe causou sempre um horror invencivel, e, comtanto que houvesse paz, qualquer governo lhe servia. Sentia-se incommodado quando diante d'ele se discutia a mudança de regimen, e, verdade, verdade, lá no intimo, estava contente com a Republica que lhe trouxera aumento de musicas regimentaes pelas ruas, o que lhe dava a impressão de mais festa e alegria. Cantarolava constantemente a Portugueza e era o primeiro a descobrir-se reverente quando a ouvia na Avenida, Rocio ou Terreiro do Paço, onde nunca faltava aos concertos gratis.

Que cousa tão surpreendente e incomprehensivel!

A sua vida tinha sido sempre d'uma pacatez rara. Vivia com duas tias velhas, porque os paes mal os conhecera. Esta orfandade não tinha verdadeiramente constituído uma infelicidade para o nosso Miguel, porque as tias eram tão boas e dedicadas, tinham-no enchido tanto de mimos, que elle nem quasi dera pela falta dos paes. Uma irmã da mãe, outra irmã do pae. Tinham-se unido, feridas por egual desgosto, dedicando-

se ao orfão que de 3 annos o destino lhes atirara aos braços, sendo a sua missão no mundo, desde então, a educação do pequeno Miguel.

Ele era fraquito e bom; dobrado motivo para os cuidados e desvelos das boas creaturas.

Aos 18 annos arrumaram-no como amanuense no Monte Pio Geral.

Que dia aquele de alegria! Era um empregado, entrava na vida do homem que trabalha, que se torna util e independente. E elas, as boas velhitas, rejuvenesciam de orgulho. Foram convidados parentes e amigos, houve jantar lauto, doces, flores e á noite foram todos para o teatro. Foi uma linda festa aquella.

D'ahi em diante, o Miguel saía invariavelmente ás 9 horas, já almoçadinho e muito barbeado, muito limpo, sempre com lindas gravatas, lá ia alegre e satisfeito para a sua repartição. Voltava ás quatro e meia em ponto.

E lá estavam as velhinhas, atentas, se teria apanhado sol, que estava constipado, que devia ter levado chapéu, porque de manhã choviscára, que talvez fosse melhor não tornar a sair n'aquelle dia... e ele sorrindo para ambas, dizendo-se sempre optimo, esplendido, que a tosse não tinha importancia, e fazendo-as rir com as suas facecias, com a sua verve dos 19 annos.

A's noites, quasi sempre, ia ao animatographo, era a sua ex-



Luthgarda decaires

travagancia. Uma hora aprasível que ele passava. Recolhia ás 11 horas, e ainda até á meia noite, a hora do chá, tinha de contar ás velhotas as fitas que tinha visto, recreando-se immenso com aquelas narrativas.

Ao domingo levantava-se mais tarde. Não que eram os unicos dias que tinha para descansar! Ao meio dia o banho pronto e perfumado, em agua morna para se não constipar. A' uma hora o almoço e depois tudo ia passear. A creada tinha licença para o resto do dia, e eles lá iam jantar ao Estoril, outras vezes a Cintra.

Podia afirmar-se que o Miguel era um rapaz feliz. Amabilissimo com as raparigas, adorando-as a todas, um pouco tímido talvez, mas os namoricos sucediam-se ainda que, até então, paixão, não havia por nenhuma. Era preciso que ele não escutasse os conselhos das velhas tias, que o cumulavam de desconfiança contra a mulher moderna! Nada! Passar o tempo sim, casar, isso não; pelo menos por enquanto. Estava tão novo ainda!

Pobre Miguel! Quem havia de dizer que este bom rapaz, iria assim parar áquele imundo Limoeiro! E então assim, de repente, como se fosse a cousa mais natural do mundo...

Ainda poderia ter sido por uma pegadilha com qualquer atrevido, um máo encontro com alguma d'estas creaturas que só vêm ao mundo para implicar com os outros, que armam conflitos a cada passo, e a quem se lhe tornasse necessario dar algum correctivo, mas não, não foi nada d'isso. Foi preso justamente por uma cousa que o pacifico Miguel nunca faria, nem que visesse 100 anos! por conspirador!

II

Deus nos livre de máus visinhos ao pé da porta! Parece que o Miguel nunca se importou com esse terrível flagelo, porque se esqueceu de pedir, nas suas orações, para que Deus o livrasse d'esse mal. Pois não foi porque as tias lh'o não tivessem ensinado! Isso é que é verdade.

Mas contemos o caso: No 3.º andar da escada de Miguel morava um cocheiro da casa real, tratava-se bem e comquanto se mostrasse orgulhoso com a privança — aliás bem reduzida — com os grandes do paço, passava por boa pessoa, embora se embriagasse bastas vezes, o que o tornava *reinadio*, segundo a opinião dos visinhos, para quem se tornava mais familiar, deixando de parte os modos altivos de uma pessoa que sempre tinha a honra de guiar os carros onde iam quasi sempre os criados do rei.

O que este illustre varão não podia, em todo caso, suportar, eram os republicanos. — Isso é que não; dizia ele a quem o queria ouvir, batendo grandes murros sobre as mesas da taberna, onde em geral abancava, e, mais ou menos, frequentada por serviçães e moços das cavalariças da casa real, — o que o nosso governo devia fazer era mandar enforcar a todos. Corja!

Ora o conhecimento d'esta importante creatura com o nosso Miguel, era muito superficial, porque o rapaz, por uma repugnancia instintiva, evitava-o sempre que podia. Mas algumas vezes se encontravam á porta, e então falavam-se cordealmente e subiam juntos até á porta do Miguel, que era no 2.º andar, e ahí se despediam, subindo o cocheiro ao 3.º, onde morava.

Um dia chegou-lhe lá abaixo a mulher do visinho, muita aflita e chorosa.

O cocheiro fóra preso por ter atirado com os cavalos para cima d'um homem que deixara estendido na rua.

— Coitadinho! diziam as tias. O pobre homem é que ficou peor! como fez ele isso?

Ora — dizia a mulher — *não foi por querer*. Ele estava embriagado, e depois o homem era um republicano e chamou-lhe *lacaio real*, e como ele tem um odio enorme a essa canalha, atirou-lhe com os cavalos para cima.

— Mas isso é infame! — exclamou o Miguel — bem sei que a senhora não tem culpa, mas um republicano é um homem como outro qualquer.

E passeava pela casa muito agitado.

Então a mulher voltou-se para as velhitas e disse-lhes, entre soluços, que aquilo fóra uma desgraça, que ele gastava tudo na taberna e agora nem sequer tinha dinheiro para lhe pagar a fiança. Se as suas boas visinhas lhe emprestassem essa quantia, se lhe valessem naquela aflicção, servi-las-ia de joelhos toda a vida.

Elas desculpavam-se que não podiam valer-lhe, que tambem viviam com dificuldades.

Ela então abraçou-se aos pés do Miguel, dizendo-lhe que ficaria sem pão, pois se o marido não sahisse logo e lá no paço o viessem a saber, seria immediatamente despedido.

O Miguel sentiu um dó immenso pela pobre creatura, que lhe

chorava aos pés e como tinha algumas economias, porque do seu ordenado pouco ou nada gastava, foi buscar 20.000 e deu-os á mulher, exclamando: olhe que faço isto só por si, porque o seu homem não merece nada.

As tias comoveram-se com o bom coração do sobrinho e não ralharam.

A mulher partiu radiante, e o cocheiro, á noite, foi dar-lhe um abraço mostrando-se muito grato prometendo pagar logo que tivesse dinheiro.

Veio a Republica. O cocheiro dançou na rua, de regosijo. Por covardia, ou por bebedeira? Talvez por ambos os motivos. A verdade é que, com pasmo de toda a visinhança, deu morras á monarquia, de quem tinha vivido e deu vivas aos republicanos, que o seu odio d'antes esmagava.

Dentro em poucos menses tinha um logar qualquer de confiança do governo, onde auferia bons lucros.

E' claro que o Miguel não estava pago dos seus 20.000 réis, embora por mais d'uma vez, timidamente, lh'os tivesse lembrado, ao que o outro sempre lhe respondia com evasivas ou desculpas.

Agora porém que o ex-cocheiro estava um figurão, o rapaz apertava com ele, porque emfim, não era rico e estava a juntar para uma viagemzinha a Paris. Mas qual! o grato visinho, agora, já lhe respondia altivamente.

— Que esperasse, que diabo! uma porcaria d'aquelas, nem valia a pena falar-se nisso.

Ultimamente, quando lhe passava por pé da porta, escarrava com força, e a mulher, a que se abraçara a chorar aos joelhos do Miguel, tinha risos ironicos e trocistas quando encontrava a criada do 2.º andar no talho a comprar meio kilo de carne para coser.

— Que pelintrice! dizia ela, levando sobraçada uma perna de carneiro.

Quando alguma das velhinhas punha á janela a secar umas camisas do rapaz, muito bem engomadas, a antiga monarquica deitava-lhes agua, ou cuspiam-lhes em cima, o que alligia immenso as pobres creaturas, principalmente a mais nova, que era quem as engomava, tinha 65 anos e sofria do coração.

Um dia o Miguel, já farto de ouvir queixas, encontrando-se com o recente republicano, disse-lhe que ainda iam ter um desgosto, se as coisas continuassem assim.

Terminou acusando-o de ingrato.

— Que me não pague — exclamava o rapaz — vá, já nem penso nisso, mas que, ainda por cima, insulte as minhas pobres tias, é repugnante e reles; e eu, com risco de ir preso, ainda lhe parto a cara, Entendeu bem? E olhe que se não o fiz já, é por amor d'elas, para não lhe dar mais desgostos.

O outro era covarde, olhou-o torvo e casquinou num riso mau:

— Tudo isto por uns porcos 20.000 réis... até mete nojo! deixe estar que os não perde!

— Sabe que mais? Volta o Miguel, com uma pronunciada expressão de despreso — afinal, nem me posso admirar que isto succeda. Que diabo lhe fiz eu comparativamente com os favores que recebeu dos seus amos? A ingratidão foi sempre apanagio das almas baixas; guarde o dinheiro e faça de conta que nunca me conheceu. Já é favor.

E voltou-lhe as costas.

O outro ameaçou-o já de longe, de punho cerrado e gritou-lhe: Deixa estar!... Thalassa!

(Continua.)

LUTHGARDA DE CAIRES.

Quadro antigo

A meio da parede, entre um Arras e um busto
De fino jaspe, avulta e attrahe-nos a attenção
Um quadro sem moldura, enorme, em tom vetusto,
Chamado = «o menestrel cantando uma canção».

«A ventana do paço, engrinaldada de hera,
Baldadamente aguarda a sécia esquiva e bella;
E em baixo o trovador, vermelho, olhar de féra,
Parece que jurou que á força ha de vencer-a...»

O quadro pelo qual, attento, os olhos passo,
Faz-me lembrar, na teima audaz do gebo amante,
O Venturoso Rei, (1) «... tão baixo e longo braço»,
A's donas exigindo uma paixão constante...

MARIO GALRÃO



Deve ter chegado esta semana á capital do Pará este brilhante jornalista, antigo director do *Diario Illustrado* na sua ultima phase apóz o 5 d'Outubro.

Mario Galvão que tres dias depois do assalto ao seu jornal, onde perdeu todo o material typographico além d'uma preciosa colleção de livros e mobiliario valioso, foi preso nas Caldas da

ger devidamente os homens que possuem o excepcional valor do antigo director do *Diario Illustrado*, doublé de orador brilhantissimo e de jornalista de raro merecimento.

Durante os dois annos de exilio na Europa, dedicou-se o nosso querido compatriota a estudos de diversos problemas sociaes de grande valor e que mais reforçaram ainda a sua já preciosa bagagem politica.

O *Brasil-Portugal*, cumprimentando affectuosamente Mario e Sabino Galvão, faz votos pelas suas melhores felicidades nas hospitaleiras terras de Santa Cruz, essa segunda mãe-Patria dos portuguezes.

O mez de Julho

Era na antiguidade um dos mezes mais festivos e occupados do anno. Em Roma, no 1.º do mez, principiavam e acabavam os arrendamentos das casas. No dia 5 começava a grande festa chamada *poplis fugia*, em commemoração da antiga retirada do povo para o Monte Aventino, quando os gaulezes tomaram Roma.

A 16 era a curiosa e bella festa da *Fortuna Feminina*, fundada pela mulher e pela mãe de Coriolano, depois que ambas obtiveram a cessação da guerra civil e a salvação da patria.

Outras solemnidades de julho eram os jogos de Neptuno, os

Passeio no Tejo



Grupo, tirado no Seixal, de senhoras que tomaram parte no passeio fluvial a bordo do vapor «Euroja» no dia 22 de Junho ultimo

Rainha, teve que emigrar para o estrangeiro, onde se conservou até fins de Julho ultimo.

Acompanhado de sua irmão mais novo, Sabino Galvão, que os acontecimentos politicos tambem tolheram de concluir a sua formatura em direito na Universidade de Coimbra, vae agora procurar exercer a sua actividade no Pará, onde por certo será acolhido com o apreço a que tem jus o seu primoroso character e os seus excepçionaes dotes d'intelligencia.

A vasta erudição e invulgares faculdades intellectuaes que Mario Galvão possui, são a garantia segura do bom exito do seu empreendimento, porque o Brasil sabe sempre apreciar e prote-

jogos Appolinarios e as *Minervaes*. No dia 28 levavam a Ceres offeras de vinho e mel; e no campo o povo sacrificava cães de cór ruiva á *CANICULA* para lhe afastar a severidade.

Em Athenas celebrava-se em julho a festa d'Adonis. No Egypto era a magnifica festa do Nilo, cuja cheia começa no meiado do mez.

A maioria dos criticos d'hoje em dia são acrobatas que fazem sortes para ganharem a vida.

BALZAC.